

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Educação no Brasil e no Mundo: Avanços, Limites e Contradições 5



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação no Brasil e no mundo [recurso eletrônico] : avanços, limites e contradições 5 / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020. – (A Educação no Brasil e no Mundo. Avanços, Limites e Contradições; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-935-6

DOI 10.22533/at.ed.356201701

1. Educação. 2. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Ítaca

Se partires um dia rumo à Ítaca

Faz votos de que o caminho seja longo repleto de aventuras, repleto de saber.

Nem lestrigões, nem ciclopes, nem o colérico Posidon te intimidem!

Eles no teu caminho jamais encontrarás.

Se altivo for teu pensamento

Se sutil emoção o teu corpo e o teu espírito tocar

Nem lestrigões, nem ciclopes

Nem o bravio Posidon hás de ver

Se tu mesmo não os lewares dentro da alma

Se tua alma não os puser dentro de ti.

Faz votos de que o caminho seja longo.

Numerosas serão as manhãs de verão

Nas quais com que prazer, com que alegria

Tu hás de entrar pela primeira vez um porto

Para correr as lojas dos fenícios e belas mercancias adquirir.

[...] Tem todo o tempo Ítaca na mente.

Estás predestinado a ali chegar.

Mas, não apresses a viagem nunca.

Melhor muitos anos lewares de jornada

E fundeares na ilha velho enfim.

Rico de quanto ganhaste no caminho

Sem esperar riquezas que Ítaca te desse. [...]

(KAVÁFIS, 2006, p. 146-147)

Freud, em *O mal-estar da civilização*, obra renomada e publicada em inúmeras edições, defende que a civilização é sinônimo de cultura. Ou seja, não podemos desassociar a funcionalidade cultural em organizar um espaço, determinar discursos e produzirem efeitos.

Por vivermos em tempos em que só o fato de existir já é resistir, seria ingenuidade, tanto de assujeitamento, quanto social, acreditar que a cultura não vem produzindo a resistência, principalmente na diferenciação social. Entre estudiosos, um dos pontos mais questionáveis, entre pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, é sobre o papel do professor como agente cultural, no espaço escolar, mas não podemos legitimar que a escola, bem como o professor, sejam os principais influenciadores. Há, no social, trocas dialógicas, enunciativas e discursivas que configuram e constituem o sujeito em meio sua adequação individual, ou seja, o acultramento perpassa por “muitas mãos”, instituições, sujeitos, ideologias que

atuam na formação estrutural.

De acordo com nossas filiações, determinamos culturas, determinamos não culturas, assim como afirma Bourdieu (1989), que responsabiliza essas legitimações aos próprios sujeitos que as vivem. Resistir seria, neste caso, transformar o mundo no qual estamos inseridos.

A escola precisa ser transformada, há muito tempo ela serve à legitimação da cultura dominante. É de fundamental relevância que a escola esteja cada vez mais próxima daqueles que são, de certa forma, o coração que a faz pulsar, da comunidade escolar que, ao garantir sua identidade cultural, cada vez mais se fortalece no exercício da cidadania democrática, promovendo a transformação da escola em uma escola mais humanizada e menos reprodutora, uma escola que garanta, valorize e proteja a sua autonomia, diálogo e participação coletiva. Assim, dentro dessa coletânea, buscou-se a contribuição do conceito de mediação como um possível conceito de diálogo para com as problemáticas anteriormente explicitadas.

O termo ensino e aprendizagem em que o conceito de mediação em Vigotsky (2009) dá início à discussão a uma discussão sobre mediação, que considera o meio cultural às relações entre os indivíduos como percurso do desenvolvimento humano, onde a reelaboração e reestruturação dos signos são transmitidos ao indivíduo pelo grupo cultural. As reflexões realizadas, a partir dos artigos propostos na coletânea, nos mostram que a validação do ensino da arte, dentro das escolas públicas, deve se fundamentar na busca incessante da provocação dos sentidos, na ampliação da visão de mundo e no desenvolvimento do senso crítico de percepção e de pertencimento a determinada história, que é legitimada culturalmente em um tempo/espço.

A escola precisa fazer transparecer a possibilidade de relações sociais, despertar e por assim vir a intervir nestes processos. Se deve analisar de maneira mais crítica aquilo que é oferecido como repertório e vivência artística e cultural para os alunos, bem como se questionar como se media estas experiências, ampliar as relações com a arte e a cultura, ao contrapor-se ao exercício de associação exercido muitas vezes pela escola nas práticas de alienação dos sujeitos diante de sua realidade.

Todos, no espaço escolar, atuando de maneira mais contributiva como lugar propício para ressignificação, mediação, produção cultural e diálogos culturais, que articulados junto a uma política cultural democrática podem vir a construir novos discursos que ultrapassam os muros que restringem a escola a este espaço de dominação, legitimado pelo atual sistema. A escola, dentro desta perspectiva, passa a ser concebida como um espaço de dupla dimensão. Dentro desta concepção, os processos de mediação potencializam a práxis de um pensamento artístico e cultural. É, atuando atrelado ao cotidiano, em uma perspectiva de mediação, que parte destes pressupostos apresentados que a escola passa a adquirir um carácter de identidade, resistente à homogeneização cultural. A escola pode causar novas

impressões, pode abrir seu espaço para novos diálogos e conversações.

É preciso, no entanto, despertar esta relação, desacomodar-se do que é imposto. Muitos são os fatores que teimam em desmotivar, no entanto, está longe desta ser a 90 solução para um sistema educacional que precisa de maneira urgente ser repensado. Ao acompanhar a ação nestas escolas, foi impressionante observar como a movimentação contagiava todos, até mesmo aos que observavam a movimentação e curiosos passavam pelo espaço, alunos de outras turmas apareciam para ajudar e tudo era visto com grande expectativa. Os alunos que participaram do processo aparentavam estar realmente coletivamente envolvidos, e isso pode ser observado nos depoimentos. O movimento observado na montagem, na realização da exposição e na ação educativa foi surpreendente e demonstra que a escola carrega realmente consigo algo muito precioso, que é pouco valorizado, o cotidiano real, o qual não está incluso em documentos, a parte viva da escola.

A presente ação demonstrou que a escola pode tomar rumos diferentes dos quais ela é designada pelo sistema. Aponta que um destes caminhos é apostar nos processos de mediação cultural que partam do cotidiano dos sujeitos que constituem este espaço. Assim, os processos de mediação cultural atrelados ao conceito de cotidiano não documentado atuam como exercício de partilha do sensível e colaboram na formação da práxis de um pensamento artístico e cultural. Esta concepção aqui analisada remete à tomada de uma nova postura frente ao ensino da arte e a concepção de espaço escolar assinala à construção de narrativas que possam contribuir para a construção de uma escola menos determinista e mais humanitária. Ao se realizar uma ação como esta proposta, o espaço escolar permite uma participação ativa e democrática entre seus autores, possibilitando a troca de vivências e experiências na comunidade escolar, promovendo um diálogo que potencializa a produção cultural dos alunos. A mediação dos trabalhos pelos alunos foi, segundo os depoimentos, algo muito rica e satisfatória para eles, os quais se mostraram maravilhados ao poderem partilhar de suas criações e apresentá-las à comunidade escolar.

Na ação educativa os alunos mediam o processo criativo e estes momentos de mediação, em absoluto, se configuraram como exercícios de partilha do sensível, que carregados de significados possibilitam a troca e o contato com o outro. Diante do que aqui se faz exposto, nada se tem a concluir como algo pronto e acabado, assim o que se faz é concluir uma etapa, que se transformará em múltiplas possibilidades de novos fazeres, desta teia de retalhos cabe, por agora, apreciar a parte que foi tecida e refletir, para sem muito tardar, sair em busca de outros retalhos que possa quiçá, um dia, tornar-se uma trama densa da práxis educativa e artística.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SEXUALIDADE, DISCURSO TRADICIONAL E RESISTÊNCIA: UM EMBATE ENTRE FEMINISMO E A FAMÍLIA POR UMA ÓTICA FOUCAULTIANA	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Heitor Messias Reimão de Melo Paulo Rennes Marçal Ribeiro Maria Regina Momesso Débora Cristina Machado Cornélio Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Carlos Simão Coury Corrêa Valquiria Nicola Bandeira	
DOI 10.22533/at.ed.3562017011	
CAPÍTULO 2	20
INGRESSO DE JOVENS NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: EXPERIÊNCIAS DE ACOLHIMENTO	
Itagiane Jost Marcele Homrich Ravasio	
DOI 10.22533/at.ed.3562017012	
CAPÍTULO 3	32
ISOMERIA <i>CIS-TRANS</i> : EMPREGO DE PALAVRAS CRUZADAS COMO RECURSO DIDÁTICO	
Antônio Marcelo Silva Lopes Meyriãne Silva Lopes Sérgio Bitencourt Araújo Barros Francisco de Assis Araújo Barros	
DOI 10.22533/at.ed.3562017013	
CAPÍTULO 4	43
LEI DOS GRANDES NÚMEROS: DEMONSTRAÇÃO APLICADA AO ENSINO	
Julia Pereira Manenti Ana Cristina de Castro Zedequias Machado Alves	
DOI 10.22533/at.ed.3562017014	
CAPÍTULO 5	46
LEITURA E ESCRITA ENQUANTO OBJETOS SIGNIFICATIVOS E AFETIVOS: TEORIA E EXPERIÊNCIA	
Raimundo Nonato de Oliveira Falabelo Elielton Brandão Serrão Paula Soares Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.3562017015	
CAPÍTULO 6	56
LESEX: LIGA DE EDUCAÇÃO SEXUAL	
Beatriz dos Santos Melo Beatriz Silva de Souza	

Carolina Habergriç Folino
Lucas Rodrigues Tovar
Thainá Gulias Oliveira
Débora de Aguiar Lage

DOI 10.22533/at.ed.3562017016

CAPÍTULO 7 68

LETRAMENTO DIGITAL NO CURSO DE ARTESÃ E BORDADOS: UMA AÇÃO DE ESTÁGIO DENTRO DO PROGRAMA MULHERES MIL DO IFRN

Edna Maria da Silva Araújo
Edícia Mariana de Moura Pereira
Diego Silveira Costa Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.3562017017

CAPÍTULO 8 82

LETRAMENTO NO ENSINO FUNDAMENTAL II: DA LEITURA EXTRACLASSE À PRODUÇÃO TEXTUAL

Adriana Ferreira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.3562017018

CAPÍTULO 9 88

LIBERDADE DE EXPRESSÃO OU DISCURSO DE ÓDIO: TOLERAR OS INTOLERANTES?

Morgana Rodrigues
Anna Beatriz Brandelero Giacomini
Rodolfo Denk Neto

DOI 10.22533/at.ed.3562017019

CAPÍTULO 10 100

MATEMÁTICA E INCLUSÃO SOCIAL: CURSO BÁSICO PARA CONCURSO

Adriana de Oliveira Dias
Exayne Santos Mourão

DOI 10.22533/at.ed.35620170110

CAPÍTULO 11 105

MULTIPLICAÇÃO NA HORTA: UM MODELO DE PRÁXIS EDUCATIVA

Robson Damasceno da Silva
Maria Eliana Soares

DOI 10.22533/at.ed.35620170111

CAPÍTULO 12 110

NAS SAIAS DE IEMANJÁ: VOZES E SABERES POÉTICOS DO FEMININO NA EDUCAÇÃO SENSÍVEL UMBANDISTAS NA AMAZÔNIA

Denise Simões Rodrigues
Lívia Cristina Fonseca de Araújo Faro

DOI 10.22533/at.ed.35620170112

CAPÍTULO 13	120
O CADERNO VIRTUAL NO CONTEXTO DE LIBRAS NA FORMAÇÃO DE PEDAGOGOS	
Keila Moura Grassi	
DOI 10.22533/at.ed.35620170113	
CAPÍTULO 14	132
O ENSINO DA ARTE – UM DESAFIO NO ATUAL CONTEXTO	
Márcia Lenir Gerhardt Pedro Henrique Graeff Machado Mateus Silva do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.35620170114	
CAPÍTULO 15	143
O ENSINO DE QUÍMICA: UM OLHAR INVESTIGATIVO EM ALUNOS DE GRADUAÇÃO	
Tiago Barboza Solner Liana da Silva Fernandes Leonardo Fantinel	
DOI 10.22533/at.ed.35620170115	
CAPÍTULO 16	152
O LÚDICO COMO RECURSO METODOLÓGICO NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Vanussa Sampaio Dias da Silva Ingrid Cibele Costa Furtado	
DOI 10.22533/at.ed.35620170116	
CAPÍTULO 17	170
O LUGAR DAS DISCIPLINAS PEDAGÓGICAS NA FORMAÇÃO DOS LICENCIANDOS EM EAD	
Maria Letícia Cautela de Almeida Machado	
DOI 10.22533/at.ed.35620170117	
CAPÍTULO 18	182
O MÉTODO TOTAL PHYSICAL RESPONSE (TPR) NO ENSINO DE INGLÊS PARA CRIANÇAS (LIC): CONSIDERAÇÕES SOBRE A ATMOSFERA MOTIVACIONAL POSSIBILITADA	
Monique Vanzo Spasiani	
DOI 10.22533/at.ed.35620170118	
CAPÍTULO 19	198
O PIBID E O USO DOS RECURSOS DIDÁTICOS/TECNOLÓGICO NA SALA DE AULA	
Eronice Rodrigues Francisco Sandra R. Hermes dos Santos Sérgio S. S. Filho	
DOI 10.22533/at.ed.35620170119	

CAPÍTULO 20 203

O PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
O PAPEL DA INCLUSÃO DIGITAL

Anderson Barros da Silva
Geni Emília de Souza

DOI 10.22533/at.ed.35620170120

CAPÍTULO 21 220

O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO SUJEITO CAPAZ DE INTERVIR
NAS INJUSTIÇAS E PRECARIZAÇÕES DAS INFÂNCIAS, ADOLESCÊNCIAS E
JUVENTUDES EMPOBRECIDAS

Gabriela Fernanda do Carmo
Janaína Augusta Neves de Souza

DOI 10.22533/at.ed.35620170121

CAPÍTULO 22 235

O TRABALHO COM A GEOMETRIA PLANA NO ENSINO FUNDAMENTAL:
EXPERIMENTAÇÕES COM MATERIAIS MANIPULATIVOS E RECURSOS
TECNOLÓGICOS

Natasha Inês Buche
Carolina Hilda Schleger
Jeverton Iedo Dorr
Tanise da Silva Moura
Vanessa Volkweis Rodrigues
Elizangela Weber
Mariele Josiane Fuchs
Julhane Alice Thomas Schulz

DOI 10.22533/at.ed.35620170122

CAPÍTULO 23 245

O USO DE DIFERENTES ALTERNATIVAS PARA O ENSINO- APRENDIZAGEM EM
BIOLOGIA

Terezinha Tronco Dalmolin
Márcia Lenir Gerhardt
Pedro Henrique Graeff Machado

DOI 10.22533/at.ed.35620170123

CAPÍTULO 24 253

O USO DO LÚDICO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE
DIFERENTES FITOFISIONOMIAS EM UMA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
MÉDIO NO MUNICÍPIO DE DIAMANTINO-MT

Caroline Xavier da Conceição
Áquila Pereira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.35620170124

CAPÍTULO 25 259

PERCEPÇÃO DOS DOCENTES QUANTO A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO ESCOLAR
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gislaine Maria Lente Franco
Elisangela de Oliveira Silva
Marinalva Pereira dos Santos

Silvana Mara Lente
Odenise Jara Gomes
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Vania de Oliveira Silva
Elivania Toledo Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.35620170125

CAPÍTULO 26 268

PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O ATRASO NA LEITURA E ESCRITA
DOS ALUNOS EM ANOS INICIAIS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL

Cecilma Miranda de Sousa Teixeira
Brauliene Araújo Neves
Francisco Hudson Coelho Frota

DOI 10.22533/at.ed.35620170126

CAPÍTULO 27 275

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARTICIPATIVO (PEP) SOB A PERCEPÇÃO
DISCENTE QUANTO AOS OBJETIVOS ESTRATÉGICOS VALIDADOS EM UMA
INSTITUIÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Marinalva Pereira dos Santos
Solange Teresinha Carvalho Pissolato
Silvana Mara Lente
Vania de Oliveira Silva
Elisangela de Oliveira Silva
Odenise Jara Gomes
Elivania Toledo Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.35620170127

CAPÍTULO 28 288

PARA QUE SE ESCREVE NA ESCOLA?

Leonarlley Rodrigo Silva Barbosa
Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

DOI 10.22533/at.ed.35620170128

CAPÍTULO 29 297

PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE PARA A FORMAÇÃO INTEGRAL DE
DISCENTES DOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS DO INSTITUTO FEDERAL
FARROUPILHA *CAMPUS* JAGUARI

Fernanda Lavarda Ramos de Souza
Ricardo Antonio Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.35620170129

SOBRE A ORGANIZADORA..... 307

ÍNDICE REMISSIVO 308

O PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO BÁSICA COMO SUJEITO CAPAZ DE INTERVIR NAS INJUSTIÇAS E PRECARIZAÇÕES DAS INFÂNCIAS, ADOLESCÊNCIAS E JUVENTUDES EMPOBRECIDAS

Data de aceite: 06/01/2020

Data de Submissão: 14/10/2019

Gabriela Fernanda do Carmo

Universidade Federal do Tocantins –
Miracema do Tocantins – TO <http://lattes.cnpq.br/4399095123049363>

Janáina Augusta Neves de Souza

Orientadora: Prof^a. Ms. Universidade Federal do
Tocantins – Miracema do Tocantins – TO
<http://lattes.cnpq.br/3471504418421372>

RESUMO: Este artigo aborda o tema “Educação, Pobreza e Desigualdades Sociais”, tendo como objetivo de ilustrar o profissional da Educação Básica como sujeito capaz de intervir nas injustiças e precarizações das infâncias, adolescências e juventudes empobrecidas. O professor é o mediador do processo de ensino aprendido ocorrido em sala de aula, por isso deve mostrar a importância que o processo da educação tem na vida de seus alunos, sendo este o caminho para diminuir a pobreza e acabar com as desigualdades. A metodologia utilizada para a produção deste artigo foi pesquisa teórica, pesquisa de campo, com visita a escola e entrevista, e por meio dela pode-se conhecer as dificuldades encontradas pelos professores em sala de aula, sendo que a falta de interesse dos alunos foi a mais

ênfaticada na pesquisa, por isso, foca-se nela. Permitiu, também, conhecer as metodologias utilizadas pelos professores e as possíveis causas da falta de interesse dos alunos pela educação escolar. Por meio da leitura de alguns autores, pode-se conhecer novas metodologias para auxiliar estes professores a envolverem os alunos no processo de ensino aprendizagem, levando-os a refletirem sobre o seu papel de cidadão consciente. Pode-se perceber que os alunos precisam ter o discernimento que a diminuição da pobreza e das desigualdades só será possível por meio da educação, e este é o papel do professor em sala de aula, intermediar o conhecimento e as informações, para que este aluno tenha a possibilidade de sair da linha da pobreza e da desigualdade.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Professor; Pobreza; Desigualdade.

THE BASIC EDUCATION PROFESSIONAL
AS A SUBJECT ABLE TO INTERVENE IN
THE INJUSTICES AND PRECARIZATIONS
OF IMPOVERISHED CHILDHOOD,
ADOLESCENCES AND YOUTH

ABSTRACT: This article deals with the theme “Education, Poverty and Social Inequalities”, aiming to illustrate the Basic Education professional as a subject capable of intervening in the injustices and precariousness of

impoverished childhood, adolescence and youth. The teacher is the mediator of the teaching-learning process that takes place in the classroom, so he should show the importance that the education process in the students' lives, which is a way to reduce poverty and end inequalities. The methodology used for the production of this article was theoretical research, field research, visits to the school and interview, and through this methodology one can get to know the difficulties encountered by the teachers in the classroom, and the lack of interest from students was one of the most emphasized topic in the research therefore we focuses on it. It also allowed knowing the methodologies used by the teachers and the possible causes of the students' lack of interest in school education. By reading some authors, we can learn about new methodologies to help these teachers to involve students in the teaching-learning process, leading them to reflect on their role as conscious citizens. It can be seen that students need to have the insight that the reduction of poverty and inequality will only be possible through education, and this is the role of the teacher in the classroom, mediate knowledge and information, so that the students have the possibility to get out of the line of poverty and inequality.

KEYWORDS: Education; Teacher; Poverty; Inequality.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda o tema “Educação, Pobreza e Desigualdades Sociais”, com a temática “O profissional da Educação Básica como sujeito capaz de intervir nas injustiças e precarizações das infâncias, adolescências e juventudes empobrecidas”, partindo de estudos e pesquisas focados nos alunos que são beneficiados com o Programa Bolsa Família.

Compreende-se que o profissional da Educação Básica, aquele que se dedica a tarefa de ensinar com dedicação e habilidade, por meio da análise do contexto concebendo o melhor plano para alcançá-lo, utilizando os recursos e ferramentas para envolver os alunos, deve considerar a relação da educação com a pobreza, uma vez que ele é corresponsável pelo ensino aprendizagem de seus alunos. Ou seja, o professor deixou de ser um mero transmissor do conhecimento, passando a ser um orientador, um estimulador de todos os processos que levam os alunos a construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidade que lhes permitam crescer como pessoas, como cidadãos. Por isso, faz-se necessário que o professor busque alternativas para erradicar as injustiças impostas aos alunos de famílias pobres, para que os mesmos tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem.

Segundo Duarte (2013, p. 69), de forma mais ou menos consciente, com mecanismos mais ou menos objetivos, a relação da educação com a pobreza precisa ser visibilizada. Desta forma, o artigo debate sobre o profissional da educação como sujeito de intervenção a pobreza por meio do seguinte questionamento: “Como

o professor da Educação Básica contribui para o interesse escolar dos alunos beneficiados Pelo programa Bolsa Família?”. Por meio deste questionamento, o objetivo geral é: Ilustrar sobre o profissional da Educação Básica como sujeito capaz de intervir nas injustiças e precarizações das infâncias, adolescências e juventudes empobrecidas, seguido pelos objetivos específicos: 1) Conhecer os métodos utilizados pelos professores para aumentar o interesse dos alunos pela aprendizagem; 2) Identificar possíveis motivos que levem os alunos a não se interessarem pelo processo de ensino aprendizagem; e 3) Apontar métodos que ajudem os professores a levarem seus alunos a se interessarem pelo processo de aprendizagem, partindo da relação que há entre educação e pobreza.

Assim, o artigo pretende contribuir na formação acadêmica dos discentes, por meio de pesquisas e metodologias, trazendo conhecimento em relação à educação, pobreza e desigualdade, no sentido de esclarecer a existência destes no âmbito educacional. Contribuirá com a sociedade no sentido de demonstrar os índices relacionados à pesquisa em relação à diminuição da pobreza através do Programa Bolsa Família. Quanto ao profissional, pretende contribuir para a produção de novas ideias e conhecimentos para a área pedagógica, assim, de certa forma, informar e coletar dados demonstrando a situação detectada na pesquisa.

2 | REVISÃO TEÓRICA

2.1 Educação

Do ponto de vista semântico, a palavra educação tem sua origem nos verbos latinos *educare* (alimentar, amamentar, criar), significando algo que se dá a alguém, e *educere* que expressa à ideia de conduzir para fora, fazer sair, tirar de (GARCIA, 2012).

Educação engloba os processos de ensinar e aprender, é o processo contínuo de desenvolvimento das faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, a fim de melhor se integrar na sociedade ou no seu próprio grupo.

Segundo Nunes (1998, p.36) educação significa a atividade desempenhada pelos adultos para assegurar a vida e o desenvolvimento da geração mais nova, das crianças, dos adolescentes e jovens, para despertar e fazer crescer as suas habilidades e poderes físicos e espirituais.

A educação, em sentido mais amplo, representa tudo àquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido restrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades.

Para Freire (1996, p.51), educar é construir, é libertar o homem do determinismo, passando a reconhecer o papel da História e a questão da identidade cultural, tanto

em sua dimensão individual, como na prática pedagógica proposta. A concepção de educação de Paulo Freire percebe o homem como ser autônomo.

A educação, fundamentada na Constituição Federal, e amparada por princípios que buscam uma sociedade mais justa, é direito de todos, dever do Estado e da família, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (artigo 205 da Constituição Federal). O artigo 205 da Constituição Federal (BRASIL, 2007) dispõe que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O artigo 205 da Constituição Federal estabelece três objetivos básicos da educação: pleno desenvolvimento da pessoa, preparo da pessoa para o exercício da cidadania e qualificação da pessoa para o trabalho.

Assim, a educação de qualidade deve ser percebida não apenas como o acesso ao conhecimento, mas, sobretudo, como instrumento fundamental na transformação e no desenvolvimento do homem, permitindo-lhe uma formação cidadã e humana.

É por meio da educação que o ser humano irá lutar contra a pobreza e a desigualdade social que existe em nosso país.

2.2 Pobreza e Desigualdade

Primordialmente é necessário destacar alguns pontos fundamentais para o entendimento do que vêm a ser os temas Pobreza e Desigualdade, fazendo, assim, as suas distinções e suas analogias, no meio social e apontar os problemas e soluções que podem ser feitas para diminuição ou, quem sabe, a extinção dos supramencionados conteúdos.

Segundo Demo (2003, p.197) a pobreza é uma situação social e econômica caracterizada por uma carência material e insatisfação das necessidades básicas para se viver, em outras palavras é a falta de riqueza de bens e serviços úteis para a vida. Sendo assim, caracterizada como o problema mais agudo da economia do país. Já a desigualdade está figurada como a falta de equilíbrio no padrão de vida de seus habitantes. Em outro conceito ela existe na sociedade quando as formas de viver se tornam diferentes entre as pessoas, gerando assim, o termo desigualdade social, além disso, ela é um problema de estrutura do país.

Desse modo, se percebe que existe uma ligação entre os temas, pois onde há pobreza provavelmente há desigualdade e onde existe a desigualdade poderá ter pobreza, assim, o autor busca fazer alguns destaques no que diz respeito a responsabilidade pública no intuito de conseguir um melhor entendimento acerca da

erradicação desse problema.

De acordo com Demo (2003, p.202) há um grande questionamento: será possível erradicar a pobreza ou a desigualdade? Conforme se observa, por completo é algo que fica fora da realidade de qualquer país, acabar de vez com esses dois problemas é de fato quase que impossível, pois no regime capitalista, onde a acumulação de riqueza é algo incentivado, fica meio que inviável que o governo consiga resolver essa adversidade.

Por outro lado acredita-se que seja possível controlar ou reduzir o índice da pobreza e desigualdade de uma localidade, mesmo sendo algo complicado de ser feito, mas com políticas públicas voltadas para a redistribuição de renda, pode-se dar o primeiro passo, pois o sistema de crescimento econômico deve ser estudado para não ferir ou deixar de lado essas classes que mais necessitam de ajuda.

No Brasil existem esses dois problemas: a pobreza e a desigualdade. Os idealistas defendem uma corrente visando que o primeiro deve-se erradicar e o segundo combater. Demo (2003), por sua vez, traz uma reflexão que diz respeito à riqueza que aqui é vasta e porquê de existir pobreza na sociedade brasileira:

[...] O argumento maior era que o Brasil não é carente de recursos: não é país pobre, mas injusto com muitos pobres. Se pobreza é carência de renda e o país não é carente de renda, logo, em raciocínio econométrico linear, pobreza é excrescência. (...) (DEMO 2003, p.201).

Essa saliência que se destaca no texto é entendida da seguinte forma: o governo é rico e deixa a pobreza e a desigualdade possuir um índice alto por falta de responsabilidade, dessa forma, cria-se programas de natureza compensatória como o famoso “Bolsa Família”, visando à distribuição de renda.

Nesse entender, não se tem certeza que a pobreza pode ser provocada pelos entes públicos ou pela falta deles, mas se todos os habitantes do planeta tivessem o mesmo padrão de vida (alto), as consequências para a sustentabilidade seriam prejudicadas, e provavelmente a vida na terra poderia ter sérios problemas, pois o alto consumismo levaria a escassez dos recursos.

Portanto, a redução da pobreza é um caminho mais viável e possível de se existir, pois depende diretamente do crescimento econômico e da diminuição do grau de desigualdade. No Brasil, o índice da população pobre está na casa dos 30%, segundo dados da Pnad, 1999, mas em uma comparação social entre países com o mesmo ou quase a mesma riqueza que o nosso país possui, o percentual teria que cair para apenas 8% de pessoas ou famílias com renda mínima inferior a linha da miséria, se tornando um absurdo para uma nação como a nossa.

Voltando a distribuição de renda como fator de redução da pobreza e combate à desigualdade, muitos autores partilhavam de ideais fabulosas e fantasiosas onde

o Estado conseguiria identificar todos os indivíduos da população pobre e transferir a renda de maneira precisa entre as famílias para retirá-los da linha da pobreza, algo que posteriormente foi deixado de lado tempos depois, em razão da grande dificuldade que os entes públicos teriam para fazer um levantamento desse nível.

Segundo Demo (2003, p. 224) a erradicação e diminuição da pobreza e do índice de desigualdades ainda é algo que fica apenas em teorias futuras. Por meio de seus estudos, percebe-se que é meio complexo mostrar ganhos visíveis no plano do combate à desigualdade, embora ele consiga apresentar que a pobreza (material) pode sofrer algumas melhorias nos parâmetros, em razão do incentivo da redistribuição de renda.

Um fator muito questionado é que não é só a desigualdade social a principal causadora da pobreza material, mas a corrupção e os gastos exagerados que acontecem nos Estados. De acordo com a Pnad - 1999, os 30% da população que são considerados pessoas pobres ou que vivem abaixo da linha da pobreza poderiam ser combatidos se o Brasil tivesse menos políticos corruptos.

Dessa forma, acredita-se que a diminuição da pobreza em nosso país e no restante do mundo é possível, mas sua erradicação é tratada como fato impossível de acontecer em razão da falta de interesse que alguns sistemas possuem em tratar esse tema.

Enfim, a pobreza é algo que existiu, existe e existirá podendo essa ser reduzida com métodos de inovação na redistribuição de renda, mas não poderá ser extinta. Já a desigualdade poderá ser combatida através da inclusão de todo, em novas oportunidades e modificação da cultura, principalmente, na diminuição do preconceito com as classes mais pobres.

Assim, acredita-se que para diminuir a pobreza e as desigualdades faz-se necessário a intervenção da justiça, uma vez que esta é o princípio básico que mantém a ordem social através da preservação dos direitos e sua forma legal.

2.3 Justiça

Justiça é a virtude de dar a cada um aquilo que é seu, é a faculdade de julgar segundo o direito e melhor consciência, entretanto não é possível definir com precisão o seu real significado.

Justiça muitas vezes é confundida com igualdade, o que é um grande engano. Apesar de seguirem uma mesma linha de ideias não podem ser confundidas, já que a expressão igualdade, não propaga uma ideia de justiça.

Acredita-se, que desde a antiguidade, existia um sistema regulador, que nem sempre foi escrito ou enunciado expressamente, mas sempre existiu, em todos os tempos e entre todos os povos.

Segundo a revista Mundo Educação (2008, p.80), o conceito de justiça social está fundamentado em certos preceitos morais e políticos que cuidam de questões como igualdade de direitos, garantia de direitos básicos e, ainda, solidariedade coletiva. De várias maneiras, a noção de justiça social deriva da luta pela melhoria das condições sociais daqueles que vivem em situação precária. As maneiras como esse objetivo pode ser alcançado variam de acordo com os meios propostos, o que, por sua vez, está relacionado com o contexto ideológico daqueles que adotam a visão.

De forma geral, a ideia de justiça social vai de encontro com a ideia de justiça civil. Enquanto a imagem da justiça civil é concebida como “cega” em relação às diferenças dos indivíduos, pois busca a imparcialidade em seu julgamento, a justiça social está disposta a observar o contexto e a situação dos envolvidos de forma que seja possível atribuir à resolução mais apropriada para cada caso. Isso quer dizer que as ações de justiça social são de caráter corretivo ao atribuir medidas protetivas para certas camadas sociais que possuem dificuldades econômicas ou que sofrem com estigmas sociais relacionados com a cor ou etnia, por exemplo.

As cotas raciais são o exemplo mais explícito e mais polêmico que temos de ações que buscam justiça social em nosso país. A medida parte da constatação de que a grande maioria da população, menos favorecida economicamente, é composta por negros e pardos, enquanto as escalas mais altas da hierarquia social e econômica são compostas majoritariamente por pessoas brancas. O exemplo mais visível está no acesso da população negra ao ensino público superior. Segundo o IBGE, em 2001, da população inserida no sistema de ensino brasileiro, apenas 10,2% dos estudantes de nível superior eram negros, enquanto 39,6% eram brancos. Após a implementação de ações de mediação, como o estabelecimento das cotas raciais para o vestibular, em 2011, verificou-se o aumento de estudantes negros no ensino superior para 35,8%.

O que vemos com essa medida é o início da democratização do acesso ao ensino público, em que a disputa por vagas torna-se injusta no momento em que aqueles que dispõem de melhor condição econômica dispõem também de mais oportunidades de preparo para a disputa das vagas. Essa disparidade também é vista quando observamos a distribuição de renda em relação à cor de pele. Verifica-se que, segundo o Censo nacional de 2010, a média salarial de pessoas que se identificam como brancas (R\$ 1.538) ou amarelas (R\$ 1.574) é quase o dobro do valor verificado para os grupos de pretos (R\$ 834), pardos (R\$ 845) ou indígenas (R\$ 735).

As dificuldades, que se somam às desigualdades que a parte mais carente da população sofre, somam-se também aos estigmas sociais associados à cor ou à condição econômica. Isso vitimiza a população pobre em mais de uma forma: a

exclusão deixa de ser apenas econômica e passa a ser social quando o acesso dos indivíduos mais pobres é dificultado diante das diferenças de oportunidade que existem no contexto social.

Com isso, relaciona-se o conceito de justiça ao conceito de cidadania, uma vez que cidadania é a condição de cidadão, com seus direitos e obrigações. Restringe-se, neste artigo, o direito à educação, a qual é fundamental para a formação e desenvolvimento da capacidade física, moral e intelectual do ser humano visando à integração social, papel este desenvolvido pelo professor.

2.4 Professor

Segundo Guimarães (2011, p.26) o professor é um profissional cujo espaço principal de trabalho é o ensino. É um profissional que ensina, ou cuja função é ensinar.

Para Freire (2013, p.24), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção pessoal. Ser professor é fazer trocas de conhecimentos, ao mesmo tempo em que se ensina se aprende alguma coisa também. Ser profissional da educação é ter a capacidade de educar e estudar ao mesmo tempo. Ser educador é uma tarefa árdua, profissão essa que na maioria das vezes não é reconhecida pela sociedade, ou o meio em que vivemos.

A função do educador é ensinar por meio de pesquisas, formando um cidadão crítico, para que ele possa ter uma visão crítica sobre a sociedade. Formar no sentido de buscar, adquirir conhecimento. Ensinar exige respeito aos saberes do educador e do educando em questão, exige também risco, o que quer dizer que o educador não pode somente estar voltado a seguir um cronograma, deve arriscar-se em trazer sempre algo novo, algo que chame a atenção e que desperte o interesse dos educandos.

Todavia, um bom educador não deve somente estar voltado para as teorias postas no decorrer de sua formação acadêmica, um bom profissional tem que saber lidar com as teorias e principalmente com a prática, pois nenhuma segue caminho sem a outra, para se ter prática é necessário ter teorias.

Ser professor é ter a competência de exercer seu papel da melhor maneira possível, ter a consciência que ensinar não é somente chegar a sala de aula e passar exercícios, avaliações, trabalhos, e sim, saber lidar com as dificuldades de cada aluno, tentar sempre melhorar o desempenho buscando novas propostas de ensino para aprimorar seu conhecimento.

Libâneo (1998, p.29) afirma que o professor medeia à relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando o conhecimento, a experiência e o significado que o aluno traz à sala de aula, seu

potencial cognitivo, sua capacidade e interesse, seu procedimento de pensar, seu modo de trabalhar. Nesse sentido o conhecimento de mundo ou o conhecimento prévio do aluno tem de ser respeitado e ampliado.

Ensinar bem não significa repassar os conteúdos, mas levar o aluno a pensar, criticar. Percebe-se que o professor tem a responsabilidade de preparar o aluno para se tornar um cidadão ativo dentro da sociedade, apto a questionar, debater e romper paradigmas. Cury (2003, p.127) afirma que “a exposição interrogada gera a dúvida, a dúvida gera o estresse positivo, e este estresse abre as janelas da inteligência. Assim formamos pensadores, e não repetidores de informações”

Assim, o papel do professor é de ser um mediador do conhecimento no processo de ensino aprendizagem, não um mero transmissor de informação, para que os alunos se apropriem das ferramentas necessárias à transformação da realidade social.

3 | RESULTADOS

A partir das exigências da disciplina de Seminário de Pesquisa I, em se construir um artigo, foi necessário coletar informações e, por meio delas, alcançar os objetivos proposto neste artigo. O primeiro passo foi escolher uma escola e fazer o conhecimento de sua realidade segundo o tema proposto.

Na primeira visita, o objetivo foi de conhecer o Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula, que localiza-se na rua Hosana Cavalcante, Nº 176 – Setor Santa Filomena, na cidade de Miracema do Tocantins. A escola foi criada pela lei Nº 405, de 10 de setembro de 1982, hoje com 34 anos. No ano de 1998 foi escola referência Nacional em gestão. Em 1999 e 2000 recebeu o Prêmio Gestão.

Atualmente a escola atende a segunda fase do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), o Ensino Médio (1ª a 3ª série) e a EJA – Educação de Jovens e Adultos – no terceiro segmento (1ª a 3ª série do Ensino Médio). Seu funcionamento ocorre nos três turnos. Segue, abaixo, tabela da distribuição de turmas na escola.

SÉRIE	TURNO		
	MATUTINO	VESPERTINO	NOTURNO
6º ano – E.F.	-	1	-
7º ano – E.F.	-	1	-
8º ano – E.F.	-	1	-
9º ano – E.F.	-	1	-
1ª série – E.M.R.	4	-	1
2ª série – E.M.R.	3	-	1
3ª série – E.M.R.	2	-	1

1ª série- E. M. EJA	-	-	1
2ª série – E.M. EJA	-	-	1
3ª série – E.M. EJA	-	-	1

Visita técnica à escola, 2016.

A escola possui uma boa infraestrutura, contendo 10 (dez) das salas de aula, 1(uma) sala para diretora, 1(uma) sala para a coordenação, 1(uma) sala para a orientação pedagógica, 1(uma) sala para o coordenador financeiro, 1(uma) sala para os professores, 1(uma) sala para a secretaria, 1(uma) biblioteca, 1(uma) sala de audiovisual, 1(um) laboratório de informática, 1(uma) sala para laboratório de ciências, mas este é incompleto, 1(uma) sala de recurso para atender alunos especiais, 1(uma) cozinha e 1(uma) quadra coberta. O pátio é grande. Há 4 (quatro) banheiros para os alunos, sendo 2(dois) masculinos e 2 (dois) femininos e, dois banheiros para uso dos servidores 1 (um) masculino e 1 (um) feminino.

O quadro de servidores da escola é composto por 29 servidores do setor administrativo e 21 professores. Segue, abaixo, tabela com informações quanto a formação dos professores.

Sexo	Graduação	Especialização	Mestrado
Masculino	12	05	00
Feminino	09	03	01

Visita técnica à escola, 2016.

Quanto aos alunos, há um total de 584 matriculados e, destes 150 são atendidos pelo Programa Bolsa Família. De acordo com os dados fornecidos pela secretária, 68 alunos atendidos pelo Programa Bolsa Família têm até 15 anos de idade e 82 alunos acima dos 15 anos. Para ser mais preciso, 65 alunos são do Ensino Fundamental e 85 são do Ensino Médio. A EJA não possui nenhum aluno, pois atende alunos acima de 18 anos.

Numa segunda visita a instituição de ensino, foi realizada uma pesquisa com 2 (dois) professores e com a diretora da escola, a fim de conhecer melhor a realidade do processo de ensino aprendizagem dos alunos relacionando com a temática proposta neste artigo.

As perguntas¹ feitas focaram-se em saber se a escola atendia a alunos contemplados com o Programa Bolsa Família, com o objetivo de conhecer o

1 Existem crianças/adolescentes/jovens de famílias que recebem o Programa Bolsa Família na Unidade Escolar? Quantos? Como é o rendimento escolar deles? A escola tem estrutura física, de pessoal, de custeio, para garantir o sucesso escolar destas crianças/adolescentes, jovens? Como os professores veem essas crianças/adolescentes/jovens de famílias que recebem o Bolsa Família? Quais as principais dificuldades que os professores enfrentam com esses alunos?

rendimento escolar destes alunos e o papel do professor em contribuir com eles, no que diz respeito a injustiça e precarizações das infâncias, adolescências e juventudes empobrecidas.

Por meio da entrevista, tivemos a oportunidade de saber que os professores não têm conhecimento de quais são os alunos contemplados pelo Programa Bolsa Família. Desse modo, percebe-se que o professor não tem como fazer acepção destes alunos, ou seja, a educação de qualidade é garantida a todos, independente de o aluno ser contemplado ou não por algum programa social.

O professor deve desenvolver o seu papel de mediador do conhecimento, ou seja conduzir o seu aluno no processo de ensino aprendizagem, para que a educação atenda os seus objetivos básicos e seja o instrumento de transformação no desenvolvimento do homem, para que ele tenha uma formação cidadã e humana.

Percebe-se que o Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula possui uma estrutura física mediana, se compararmos a outras escolas que têm condições bem mais precárias. Esta escola está situada em um bairro de periferia, ou seja, as famílias ali localizadas são de classe social baixa o que já deixa explícito que a escola apresenta um risco social relacionado a pobreza e desigualdade, o que pode afetar o processo de ensino aprendizagem de seus alunos.

A entrevista mostrou que o rendimento escolar dos alunos não está relacionado aos alunos que são contemplados pelo Programa Bolsa Família, mas a todos os alunos matriculados. Assim, buscou-se conhecer as principais dificuldades encontradas pelos professores no processo de ensino aprendizagem, e dentre elas, temos a ausência dos pais no acompanhamento de seus filhos, a não realização das tarefas enviadas para serem realizadas em casa e, a maior dentre elas, é a falta de interesse.

A partir desta informação buscou-se conhecer os motivos que levam os alunos a não se interessarem pelo processo de ensino aprendizagem e a conhecer as metodologias utilizadas pelos professores para tornarem suas aulas mais atrativas.

Segundo um professor entrevistado, os alunos não sabem a importância que a educação escolar tem em suas vidas, o poder de transformação que pode ser exercido por meio dela. Outro fator seria de eles não terem perspectivas de vida, uma vez que sua condição social não os leve a sonhar com uma vida mais digna e promissora. Também pode ser citado a falta de motivação aos alunos por parte dos professores, uma vez que estes são corresponsáveis pelo processo de ensino aprendizagem. E dentre outros motivos, a falta de recursos destinados à educação, como por exemplo, com este calor do Tocantins, faz-se necessário que as salas sejam climatizadas, para que se tenha um ambiente propício a troca de conhecimento.

Fica claro que estes fatores influenciam os alunos a não se desenvolverem intelectualmente, pois não buscam conhecimentos e recursos necessários, através

de uma formação acadêmica e profissional, para que, por meio da educação haja a redução da pobreza e o combate à desigualdade.

Depois de conhecer que a falta de interesse é o grande “calcanhar de Aquiles” dos alunos do Centro de Ensino Médio Dona Filomena Moreira de Paula, foi necessário conhecer as metodologias que os professores utilizam para despertar o interesse dos alunos, tornando, assim, suas aulas mais atrativas.

De acordo com a entrevista feita a um professor, ele relata que muitas vezes, tornar a aula interessante é um desafio, haja vista os alunos estarem mais envolvidos com as novas tecnologias. Destacou que para os alunos terem um bom rendimento, faz-se necessário a interação entre professor e aluno em sala de aula, para que o aluno tenha uma boa participação, tanto oral quanto escrita. Outra metodologia é ter uma aula descontraída, mas que não fuja ao controle. A fala do professor não pode ser linear, deve-se alterar em tons diferentes, para que o aluno não canse. O professor tem a responsabilidade de preparar uma boa aula, ou seja, fazer um planejamento, e isto inclui domínio do conteúdo, para que o aluno sinta segurança no que o professor está ensinando. As atividades em sala devem ser diversificadas, como por exemplo, individual, em dupla, em grupos, dentre outras.

A escola não tem como oferecer metodologias que envolvam as novas tecnologias, como a internet, uma vez que a rede *wifi* da escola não comporta um grande número de usuários. Outro fator é que nem todos os alunos têm celulares que se conectam a internet. O laboratório da escola possui 22 computadores, mas somente 10 estão em bom funcionamento. Assim, o professor tem de usar os recursos tradicionais.

O professor precisa despertar o interesse dos alunos pelo processo de ensino aprendizagem por meio de suas aulas, nos momentos de reflexão e de debates, deixando claro que a educação é a grande arma para a erradicação e diminuição da pobreza e do índice de desigualdades.

Depois de conhecer os problemas que afetam o rendimento escolar e as metodologias utilizadas pelos professores, para tornar suas aulas mais atrativas, foi mostrado aos professores uma lista de nome de alunos que são contemplados com o Programa Bolsa Família, com o objetivo de conhecer o seu rendimento escolar.

Para surpresa de muitos, cerca de 75% dos alunos contemplados pelo Programa Bolsa Família têm um bom rendimento escolar, são assíduos as aulas, participam com o professor no processo de interação do conhecimento, conseguem atingir a média proposta.

Os três entrevistados citaram uma aluna que é contemplada pelo Programa Bolsa Família como sendo a aluna destaque da escola. É esforçada, busca além do que é ofertado em sala de aula, tem uma postura crítica, se utiliza de bons argumentos, é convincente. Vê-se que esta aluna está buscando alcançar sonhos e

objetivos de vida que a tirem da lida da pobreza e da desigualdade, isto, por meio da educação.

Neste relato, fica claro o empenho dos professores ao transmitirem o conhecimento não como detentores deste, mas como mediadores, uma vez que levam o aluno a pensarem e refletirem sobre suas ações, tornando-o um cidadão crítico. Assim, a igualdade de todos os cidadãos será cumprida por meio da justiça.

Numa sociedade que está sempre em transformação, o professor contribui com seu conhecimento e sua experiência, tornando o aluno crítico e criativo. Deve estar voltado ao ensino dialógico, uma vez que os seres humanos aprendem interagindo com os outros. É o processo aprender a aprender. O professor deve provocar o aluno passivo para que se torne num aluno sujeito da ação.

Com isso, fez-se necessário buscar metodologias mais eficazes para que os alunos interajam e se interessem mais pelo processo de ensino aprendizagem, não se esquecendo que é por meio da educação que eles irão desenvolver a capacidade crítica da realidade, para que possam utilizar o que aprenderam na escola em diversas situações e/ou lugares.

Os métodos que ajudam os professores no processo de ensino são aqueles que têm um grau considerável de aceitação dos estudantes, baseadas em formas diferenciadas de transmissão do ensino, pois é necessário que o professor vivencie a realidade dos alunos para poder buscar meios para melhor aplicabilidade do conteúdo. Assim, deve sempre observar o plano de aula para não sair do planejamento, pois é através dos estímulos que os mestres irão contribuir para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem dos alunos. Dessa maneira, as suas características são:

- Vivenciar a realidade do aluno;
- Instigar no desenvolvimento da leitura e a escrita;
- Lidar com as diferenças;
- Entender que cada aluno possui um tempo de aprendizagem;
- Buscar formas para incitar habilidades pessoais; artes, esportes, teatro, músicas;
- Desenvolver habilidades necessárias para serem pensadores;
- Utilizar inovações no ensino como: tecnologias, aulas práticas e expositivas;
- Estimular os educandos para a melhoria da relação em sociedade;
- Conscientizar os alunos que a escola é um meio de transformação da realidade.

O professor precisa mostrar a beleza e o poder das ideias, mesmo que use apenas os recursos de que dispõe: quadro-negro e giz. Observa-se nessa afirmação

que a aula pode ser bem positiva e agradável, sem os grandes recursos que permeiam todas as atividades humanas e em todos os lugares: os recursos tecnológicos.

Com isso, ressaltamos a grande importância que o professor tem como sujeito capaz de intervir nas injustiças e precarizações das infâncias, adolescências e juventudes empobrecidas, por meio da educação, uma vez que está é responsável pela formação e desenvolvimento da capacidade física, moral e intelectual do ser humano visando à integração social.

4 | CONCLUSÃO

A educação é de suma importância na vida de qualquer cidadão, mas é necessário que ela se torne importante na vida dos educandos desde cedo, pois é por meio dela que a sociedade terá cidadãos críticos e atuantes.

Este artigo abordou o papel do profissional da Educação Básica como sujeito capaz de intervir nas injustiças e precarizações das infâncias, adolescências e juventudes empobrecidas, relatando sua relevante presença, assim como sua intervenção na produção do conhecimento, uma vez que este conhecimento é construído em parceria com o aluno.

Relatou-se ainda, nesta pesquisa, o rendimento escolar dos alunos, tendo conhecimento que a falta de interesse é o que leva os alunos a não se interessarem mais pelo processo de ensino aprendizagem. Este rendimento não está relacionado somente aos alunos contemplados pelo Programa Bolsa Família, mas a uma grande maioria dos alunos matriculados.

Observou-se também, que a atuação do professor no processo de ensino aprendizagem não pode ser restrita a repassar conhecimento, mas orientar e valorizar as habilidades do aluno, para que eles possam tornar-se cidadãos críticos e conscientes, a fim de diminuir a pobreza e acabar com as desigualdades.

Freire (1996, p.52) diz que “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. O professor aberto às indagações dos alunos e a curiosidade.

Percebe-se que as metodologias utilizadas pelos professores, para atrair os alunos para o processo de ensino aprendizagem, precisam ser melhoradas, uma vez que, eles precisam conhecer a verdadeira realidade de seus alunos, para, a partir dela elaborar e planejar aulas atrativas e interativas.

Por meio deste artigo, pode-se conhecer o rendimento escolar dos alunos contemplados pelo Programa Bolsa Família, que dentre muitos deles, se interessam pelos estudos e querem realizar seus sonhos e objetivos de vida.

A pesquisa foi de grande relevância para o âmbito acadêmico, uma vez que possibilitou conhecer a realidade da educação básica, os desafios dos professores

em sala de aula, como intermediários do conhecimento, a falta de importância que os alunos dão aos conhecimentos adquiridos na escola e, as metodologias utilizadas pelos professores para atrair a atenção dos alunos.

A partir das experiências vivenciadas nesta pesquisa, conclui-se que o professor deve refletir sobre seu papel na constituição do conhecimento de seu aluno e sobre a forma de desenvolver seu trabalho, a fim de levar seus alunos a serem líderes de si mesmos e serem questionadores – enfim, cidadãos que farão a diferença no mundo, intervindo nas injustiças e precarizações das infâncias, adolescências e juventudes empobrecidas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Janete M. Lins de. **A educação como política pública**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

BUFFA, Ester. ARROYO, Miguel. NOSELLA, Paola. **Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?** 13.ed. São Paulo, Cortez, 2007.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEMO, Pedro, **Pobreza da pobreza**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

<<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/conceito-justica-social.htm>>. Acesso em: 04 out. 2016.

<<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07-1779.pdf>>. Acesso em 30 set. 2016.

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/131-4.pdf>>. Acesso em 30 set. 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.

MENESES, João Gualberto de Carvalho (org.). **Estrutura e funcionamento da educação básica – leituras** São Paulo: Pioneira, 1998.

SOUZA, Ruth Catarina Ribeiro de. MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira (org.) **Professores e professoras: formação: Poiesis e práxis** Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afetividade 28, 47, 51, 52, 54, 55, 57, 208, 268

Amazônia 110, 111, 112, 113, 118, 119

Aplicação 32, 36, 37, 40, 43, 58, 88, 96, 97, 100, 120, 121, 123, 124, 126, 128, 130, 145, 158, 179, 198, 199, 200, 201, 259, 261, 265, 266, 278

Aprendizagem 24, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 39, 40, 41, 42, 46, 48, 50, 52, 53, 54, 63, 70, 104, 105, 107, 109, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 140, 141, 143, 145, 146, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 175, 177, 178, 180, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 202, 207, 210, 214, 220, 221, 222, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 278, 296, 300, 301, 303, 305

Aprendizagem significativa 32, 40, 128, 154, 184, 186, 251, 252

C

Caderno virtual 120, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130

Competência de leitura e escrita 82

Concurso público 100, 102, 104

Contextualização 135, 140, 143, 145, 146, 148, 149, 176, 248, 303

Criança 2, 4, 5, 7, 16, 24, 25, 30, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 64, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 185, 186, 187, 194, 201, 203, 259, 260, 261, 263, 264, 265, 269, 272, 273, 291

D

Deficiência intelectual 152, 153, 154, 157, 158, 159, 162, 164, 165, 166, 167, 169

Deficiência visual 203, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Didática 53, 104, 105, 122, 167, 177, 196, 277, 287

Discurso de ódio 88, 97

E

Educação a distância 104, 131, 170, 173, 181, 203, 218

Educação do campo 105, 109

Educação sensível 110, 111, 113, 116

Ensino de arte 132

Ensino médio 20, 21, 22, 23, 26, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 41, 58, 97, 101, 102, 132, 133, 134, 136, 139, 141, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 150, 228, 229, 230, 231, 244, 245, 247, 253, 255, 303

Ensino médio e superior 143

Ensino médio integrado 20, 21, 22, 23, 26, 29, 31, 97

Ensino-pesquisa-extensão 56, 58

Escrita 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 70, 82, 83, 84, 125, 127, 171, 187, 207, 214, 231, 232, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 288, 289, 291, 295, 296

Experiência 21, 22, 26, 27, 29, 30, 46, 48, 49, 65, 66, 68, 69, 70, 73, 74, 82, 104, 106, 108, 109, 115, 116, 118, 134, 136, 140, 141, 156, 158, 167, 182, 196, 198, 214, 218, 227, 232, 244, 252, 288, 289, 290, 291, 296, 304

F

Feminino 9, 60, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 229

Formação 6, 9, 22, 23, 24, 31, 35, 41, 46, 47, 50, 55, 56, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 77, 87, 88, 98, 101, 102, 107, 109, 112, 120, 121, 122, 125, 126, 128, 129, 130, 132, 134, 136, 137, 140, 143, 144, 145, 146, 150, 162, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 194, 195, 196, 197, 199, 202, 222, 223, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 239, 244, 246, 247, 249, 252, 253, 257, 261, 271, 273, 276, 279, 280, 281, 282, 283, 287, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307

Formação docente 68, 71, 120, 126, 128, 130, 178, 180, 197

Formação pedagógica 120, 170, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181

I

Iemanjá 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119

Inclusão digital 69, 70, 74, 203, 204, 205, 209, 210, 216, 217, 218, 219

Inclusão social 68, 69, 70, 81, 100, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 216, 217, 219, 305

Intolerância 88, 90, 91, 97, 98, 99

Isomeria geométrica 32, 33, 34, 36, 40

J

Jovens 20, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 139, 157, 161, 179, 180, 207, 222, 228, 229, 274

L

Lei dos grandes números 43

Leitura 15, 26, 27, 37, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 70, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 115, 117, 126, 132, 135, 139, 140, 141, 165, 169, 187, 200, 201, 207, 211, 220, 232, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 288, 296, 303

Leitura extraclasse 82, 84, 85, 87

Letramento o digital 68

Liberdade de expressão 88, 89, 90, 95, 97, 98, 99

Licenciatura 35, 71, 72, 74, 81, 131, 170, 173, 174, 180, 181, 198, 235

Liga acadêmica 56, 57

Língua de sinais 120, 122, 125, 126

Lúdico 35, 40, 41, 63, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 253, 273

M

Matemática 42, 45, 68, 100, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 133, 138, 139, 147, 150, 169, 173, 174, 203, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 244, 257

Metodologias 32, 33, 36, 52, 53, 58, 64, 70, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 152, 157, 167, 170,

180, 202, 211, 220, 222, 230, 231, 232, 233, 234, 237, 238, 247, 260, 304

Mídia digital educativa 120, 123

P

Palavras cruzadas 32, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 53

Poética oral 110, 111

Práticas de acolhimento 20, 23, 24, 27, 30

Probabilidade 43, 44, 45, 102, 108

Produção textual 20, 26, 82, 84, 85, 87

Programa mulheres mil 68, 75, 76, 78

R

Recurso didático 32, 41, 122, 128, 166

Recurso metodológico 38, 152, 153, 165, 166

Recursos pedagógicos 198

S

Sexualidade 1, 3, 4, 5, 7, 16, 17, 18, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 307

Significação 47, 50, 115, 235

Sujeito ativo 82, 162

T

Tecnologias assistivas 203, 206, 215, 216

Tolerância 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 271

